



XVII Semana de Licenciatura
VIII Seminário da Pós-Graduação em
Educação para Ciências e Matemática

A Importância da Educação e da Ciência em Tempos de Crise

21 a 23 de junho de 2021



HEROÍNAS: A REPRESENTAÇÃO DA FIGURA FEMININA NEGRA NAS GRAPHIC NOVELS ANGOLA JANGA E CUMBE, DE MARCELO D'SALETE.

Vitória Ellen Oliveira da Cruz¹

¹Universidade Federal De Jataí (UFJ)/ cruzvitoria.ellen@gmail.com

Resumo:

A construção de personagens negras nas histórias em quadrinhos sofreu, durante anos, uma modificação imagética, uma hipersexualização e estereotipação de corpos, além da construção de características e personalidades voltadas a representá-las com falta de inteligência e agência. Dito isso, o intuito desta pesquisa é analisar de forma crítica e comparativa a representação, construção e protagonismo das personagens femininas negras nas *graphic novels*, *Angola Janga* (2017) e *Cumbe* (2014), do autor brasileiro Marcelo D'Salete. O objetivo principal da análise é apresentar a forma como os romances gráficos, que fazem parte de um tipo de texto literário com pouca visibilidade e que ocupa um local de menos prestígio dentro da Literatura, representam mulheres negras por meio de uma construção narrativa que proporciona outra forma de apresentação e construção de suas subjetividades e corpos. Em ambos romances gráficos, através da construção das personagens femininas, D'Salete se contrapõe e se distancia dos autores e ilustradores antigos, que representaram essas figuras envoltas de um discurso racista e misógino. Por meio da forma como aparecem nas narrativas, as personagens negras podem ser consideradas heroínas, por serem pessoas reais e integrantes de uma sociedade escravista, que buscaram a autonomia e sobrevivência da comunidade de escravizados.

Palavras chaves: Personagens. *Graphic Novels*. Marcelo D' Salete.

Introdução

Ao longo da história de elaboração das artes visuais no Brasil, a figura de homens e mulheres africanos e/ou afro-brasileiros passou por um processo de apagamento, fato que ocasionou uma invisibilidade social dessas pessoas. A falta de representações dignas de exposições, questionamentos e subjetividades contribuiu para que a imagem que se tinha sobre tais figuras se consolidasse, quando pintadas pela primeira vez, em um compilado de pré-conceitos e distorção imagética com elementos que beiram o fantasioso, mas que foram vistos e considerados pela população como retratos fiéis à realidade. A famosa obra “O lavrador” do pintor brasileiro, Candido Portinari, apresenta a imagem de um homem negro

trabalhador nas fazendas de café. Apesar de ser uma pintura moderna, um dos estereótipos mais comuns da representação do homem negro “está ligada ao mundo do trabalho”. (PEDROSA, 2018, p.45). O homem pintado nessa obra revela-se com membros desproporcionais, suas mãos e pés são exageradamente grandes, tornando-os o elemento mais aparente da pintura.

Esse exagero voltado à representação da figura de povos negros, perpetuado em produções tanto antigas como contemporâneas, colabora com uma gama de produções artísticas que distorcem o corpo negro e o aproximam de um local fantasioso, animalesco e até mesmo grotesco. Dessa forma, as artes visuais, assim como a Literatura, foram ferramentas utilizadas para propagar estereótipos, e uma concepção alterada das características físicas e psicológicas acerca dos homens e mulheres negros. Entretanto, sendo esta uma sociedade de valores patriarcais e misóginos, a figura da mulher negra experimentou duas formas de repressão. De acordo com Eduardo Assis, houve então “uma visão estereotipada vigente na sociedade em torno dessa camada feminina vitimada tanto pelo racismo quanto pelo sexismo”. (DUARTE, 2011, p. 02).

A partir do século 20, a presença de pessoas negras nas artes visuais foi se tornando mais frequente, e é com os artistas modernistas que a figura da “mulata” foi construída. Convencidos de que deveriam criar uma arte nacionalista com o intuito de estabelecer uma identidade para o país, a arte moderna “tornou a figura da mulata forte símbolo oficial e expressão de um ideal de uma cultura local miscigenada” (PEDROSA, 2018, p. 519). Porém, tais representações apresentavam aspectos por vezes problemáticos. Di Cavalcanti, um dos maiores artistas modernistas brasileiros, dedicou grande parte de suas pinturas às mulheres miscigenadas. O que poderia funcionar como ferramenta de quebra de preconceitos e distorção, colaborou para uma construção de mulheres negras frequentemente objetificadas e erotizadas.

A figura da mulata é construída envolta de uma problematização que a enxerga sob uma perspectiva de grande apetite sexual e uma necessidade de agradar o olhar alheio. Por conta disso, a mulher negra foi apresentada em pinturas e na Literatura por um meio dicotômico, o da hiperssexualização e da animalização, sendo a mulata a sexualizada, e a preta inferiorizada e desfigurada. A mulata tornou-se então, “objeto de fornicção, enquanto a

mulher negra continuou relegada à sua função original, ou seja, o trabalho compulsório”. (NASCIMENTO, 1978, p. 62).

Nas histórias em quadrinhos, a imagem das mulheres negras também sofreu essas concepções alteradas e racistas, visto que esse tipo de produção não escapa das garras de representações equivocadas sobre esses corpos e mentes. Segundo a tese de Chinen (2013, p.79) “A forma como os negros foram representados graficamente por pintores e ilustradores, antecederam e influenciaram os quadrinhos”. Dessa forma, nas histórias em quadrinhos mais famosas e tradicionais, a mulher negra costumou ser representada com traços negroides exagerados e com falta de inteligência. Não apenas as produções antigas seguiram caminho semelhante, há produções atuais e contemporâneas que ainda persistem em construir personagens negras estereotipadas. Um exemplo se consolida na HQ contemporânea intitulada **Deus, essa gostosa** (2012), do autor e ilustrador brasileiro Rafael Campos Rocha. A premissa da narrativa se baseia em um Deus que é mulher negra. Apesar da premissa ser interessante à primeira vista, o autor acaba construindo essa protagonista, que poderia ir contra às produções artísticas do século XX, com elementos que a estereotipam e a sexualizam.



Figura 1- **Deus, essa gostosa** de Rafael Campos Rocha, Editora Quadrinhos na Cia.

A tentativa da narração desta cena é convencer o leitor de que “Deus” é uma mulher independente, porém essa aproximação da mulher negra com um ser divino, não se estabelece de forma efetiva, já que os adjetivos “gostosa e sexy”, com a construção física da personagem e a maneira como ela aparece em ambas as cenas a transformam em uma propagação de

conotações negativas. No que concerne aos elementos pictóricos dos quadros, a cor da protagonista é visualmente mais escura que a do outro personagem, apesar de eles terem cores diferentes, a de “Deus” é propositalmente enegrecida, com um excesso do traço forte e preto. O corpo nu da personagem no primeiro quadro beira um tipo de corpo padrão, em que o abdômen é reto, sem gordura acumulada, as coxas não tão grossas e os seios avantajados. Porém, no segundo quadro, ao mostrar a protagonista de costas, ela assume um corpo diferente, um tanto musculoso, beirando o desfigurado, não deixando de expor os seios e sua nádega corpulenta; ao longo das histórias a personagem sempre aparece despida ou com roupas que exponham bastante o corpo.

Embora a história em quadrinhos Deus, essa gostosa (2012), seja um texto literário contemporâneo, ela reflete a maneira como a caracterização física da figura da mulher negra foi construída nas obras tradicionais e canônicas brasileiras. A concepção estabelecida nessa narrativa desenvolve-se envolta de uma ideia preconcebida e empobrecida. Portanto, Angola Janga (2017) e Cumbe (2014) alcançam destaque notoriamente por conceder aos leitores e leitoras um romance gráfico cujas personagens negras femininas esquivam-se das produções artísticas e literárias observadas acima. O autor e ilustrador Marcelo D’ Salete as elabora por uma alternativa visual e narrativa que possibilita a inserção de uma nova ótica sob essas figuras, no que tange suas representações físicas e psicológicas. Ele consegue, através desse intuito, criar personagens autônomas e controladoras de sua própria história. Podemos observar alguns desses aspectos citados na análise da imagem abaixo.



Figura 2 – **Angola Janga** de Marcelo D’Salete, Editora Veneta, p. 155.

No primeiro quadro nos deparamos com uma personagem feminina carregando em suas mãos um objeto que se assemelha a uma “cumbuca”, tipo de tigela específica da região norte e nordeste do Brasil, repleta de alimentos que serão entregues ao chefe do quilombo, Ganga- Zumba. O leitor sabe que a personagem é uma cozinheira, pois em uma passagem anterior, ela aparece preparando alguns alimentos. A mulher encontra-se no centro do quadro, fazendo com que o foco nela seja maior. O enquadramento da cena demonstra que a personagem está se aproximando e caminhando para um local específico. Essa posição da imagem possibilita ao leitor uma visão completa de seu dorso e face. A vegetação do local, por sua vez, pintada com traços menos fortes, aparece envolta da personagem e colabora para a junção de elementos que fazem a passagem de cena ser suave e conter certa beleza. A figura da mulher orna com a vegetação, elemento intencional do autor/ilustrador, para trazer beleza e suavidade ao momento. Embora a personagem esteja com o dorso descoberto em que seus seios, braços, colo e barriga estejam à mostra, a nudez presente na cena não é gratuita e sim característica de uma forma de vestimenta dessa comunidade. Não há no desenho uma carga erótica que frequentemente aparece arraigada à figura de mulheres negras em muitas produções artísticas no Brasil.

Ao esboçar a figura de uma mulher negra e nua dessa forma, o autor se diferencia de outros, que tanto tentaram, nas pinturas e desenhos, sexualizar essas mulheres, para que ficassem atrativas ao olhar do outro, sendo esse outro constantemente um homem branco. A personagem não é hiperssexualizada, e apesar da nudez, todos os elementos pictóricos presentes na cena contribuem para que seu corpo não seja central na trama, e sim tudo o que está por trás e envolta dessa imagem. Tal escolha não é de forma alguma aleatória. A construção das imagens das personagens femininas de D'Saete nos deixa a par do objetivo e consciência do autor, que se preocupa em representar essas mulheres por um viés distinto do qual elas foram apresentadas ao público leitor em outras produções literárias.

Voltando aos aspectos pictóricos da cena, o rosto da personagem também não apresenta formas caricaturadas. A curvatura do cabelo crespo, a largura dos lábios e narizes são características fenotípicas dos povos pretos, contudo, na imagem essas características são apenas para reconhecimento - e não- alvo de desarmonização e animalização, que constantemente esteve presente nos desenhos criados para representar afro-brasileiros. Há no corpo da personagem apetrechos ou acessórios como os colares ao redor do pescoço, os brincos e certos braceletes no braço esquerdo e pulso direito. Esses apetrechos fazem parte do

reconhecimento dessa personagem, além de exprimirem símbolos e ícones de representação e funcionarem como objetos de autocuidado e beleza, beleza essa que algumas produções literárias tanto tentaram remover dos corpos pretos.

Rir do quê? De quem? Por quê?

As histórias em quadrinhos são marcadas, mesmo que não tão fortemente nos dias atuais, pela utilização do aspecto cômico. As primeiras dessas produções no Brasil como, O almanaque do Tico Tico e Azeitona (1952), de Luiz de Sá, foram construídas a fim de exprimir dos respectivos leitores o riso e a graça, entretanto, na tentativa de causar o riso, essas primeiras histórias foram precursoras importantes do tipo de tratamento e visão que eram oferecidos às pessoas negras na sociedade.

O humor existente na atuação dessas personagens se estende como uma ferramenta de marginalização e inferiorização que seria atrelada à imagem de homens e mulheres negros nas produções gráficas. Essas, que ao tentar estabelecer uma comicidade transitam ou se manifestam no estreito limite entre humor e o preconceito entre a graça e a discriminação. (CHINEN, 2013, p.84). Levando em consideração que o riso nunca é gratuito, há sempre uma intenção por trás do que se acha engraçado e cômico. Rir de personagens famosos como os Menestréis - atores brancos que se coloriam com carvão para representar personagens negras no teatro norte- americano no início do século 20- não se transmite como uma atitude ingênua da época, e sim como uma escolha que revela o racismo estrutural. Essa imagem se consolida na cultura popular transformada em uma percepção alterada de que os brancos iriam ter sobre os negros, fato que enraíza a discriminação e constrói, dessa forma, parte do imaginário. Sendo uma figura que permanece durante muitos anos, as próximas produções que viriam a apresentar pessoas negras nas artes visuais e Literatura sofreram influência incontestável dos Menestréis.

Já em Angola Janga (2017), a apresentação de personagens mais jovens é feita de modo distinto. Há a presença de personagens crianças que fazem parte como iguais da narrativa, e uma que aparece em destaque é a pequena Dara. Com sua sede de liberdade e esperança e seus cabelos trançados ao vento, Dara é uma figura interessante e essencial à trama. Como podemos ver na seguinte cena retirada do último capítulo "Passos na noite", a pequena revela-se em um momento significativo à história. Após serem libertados pela

guerreira Andala e o restante dos palmaristas que conseguiram fugir das armas e mãos portuguesas, Dara é a personagem que fecha, de certa forma, a história da narrativa e o capítulo. A personagem está em uma área com abundância vegetal, o que nos indica que os ex-cativos estão em uma parte alta da mata e bem escondida do alcance dos homens brancos, mas que ainda estão em movimento para fugir e encontrar um novo lar, já que Palmares foi invadida e destruída pelos portugueses.



Figura 3- **Angola Janga** de Marcelo D'Saete, Editora Veneta, pg. 408.

A presença do traço escuro e centrado em algumas partes do desenho, mostra ao leitor que a fuga acontece à noite. Dara carrega em suas mãos uma lança, típica dos guerreiros e guerreiras escravizados, segura a arma de punhos fechados e firmes, além de empunhá-la próximo ao dorso em posição de combate e encara o céu. O olhar de Dara para o alto, com o rosto arqueado esboçando um leve sorriso nos lábios, simboliza a busca pela liberdade e o otimismo em relação ao que virá depois, como um olhar para o futuro. Não é um olhar para baixo e submisso, mas um vislumbrar em perspectiva. A forma como D'Saete decide encerrar sua narrativa com a presença dessa figura e a maneira como ela está posicionada, traduzem a ótica que o autor tem sobre os homens, mulheres e crianças que resistiram e viveram no período nefasto escravista, figuras essas que passaram por uma forte e constante tentativa de apagamento e inversão do que de fato foram.

Além desta representação da criança negra, passagem de cena da página 163 é, talvez, a mais sensível e notável de Cumbe (2011). Temos como figura central Ciça, uma criança que ao decorrer da trama, sabemos ter sido violentada e morta por um dos senhores brancos de engenho. Os traços de sua face são característicos, assim como o cabelo, porém sutis, beirando a afetuosidade com que o autor constrói suas personagens. Apesar de não estar

mais viva, a paz e serenidade está estampada no rosto da criança. No segundo quadro da cena, há um deslocamento de foco, como se a imagem tivesse sido afastada e a menina ficasse menor, porém ainda centrada, o que nos permite vislumbrar uma delicadeza longínqua e presente, como se a única coisa importante fosse ela mesma.



Figura 4 – **Cumbe** de Marcelo D'Saete, editora Veneta, pg 163.

Diferente de algumas personagens infantis dos quadrinhos brasileiros como Maria Fumaça (Luiz Sá, 1950) e Lamparina (J. Carlos 1924), essa personagem não possui nenhuma característica que a coloca em um local risível e desagradável, muito pelo contrário, na cena o rosto e corpos da personagem são desenhados com intuito de promover no leitor um suspiro do quão belo e singelo é essa passagem e a representação dessa personagem. Ela está aqui para promover inspiração e conforto para as outras crianças que virão.

Protagonismo e Heroísmo

Segundo Antonio Candido, as personagens, o enredo e a ideia são a tríade da construção do romance moderno, cujas partes dependem uma das outras e se correlacionam. Apesar de a personagem ser o elemento mais atuante na história, ela se faz presente e parte do todo quando está dentro de um contexto, em que ela será concretizada a partir deste. (CANDIDO, 2000, p.52). O reconhecimento e a aproximação dos leitores com as personagens de determinada história, serão estabelecidos a partir da forma como esta é elaborada. Tal reconhecimento se dá, em grande parte, através de uma figura que passa por nuances verossímeis à vida real, pois a personagem deve “dar a impressão de que vive, de que é como um ser vivo. Para tanto, deve lembrar um ser vivo, isto é, manter certas relações com a realidade do mundo, participando de um universo de ação e de sensibilidade que se possa

equiparar ao que conhecemos na vida”. (CANDIDO, 2000, p.49). Dessa forma, a empatia e conexão do leitor para com o enredo, personagens e ideia será estabelecida com a apresentação de personagens esféricas, termo definido por Forster (1949), que implica a definição de uma persona com maior complexidade psicológica. (FORSTER, 1949, p.66 apud CANDIDO, 2000, p.48). Essa complexidade é alcançada nas histórias de Marcelo D’Salete, quando o autor desenvolve personagens que exteriorizam suas dúvidas, medos, objetivos e falhas. Portanto, a empatia causada no leitor durante a leitura de ambos os romances é concebida por meio das características reais e de uma vivência compreensível e tangível das personagens.

A elaboração e apresentação das personagens femininas em *Angola Janga* (2017) e *Cumbe* (2013) são feitas de maneira oposta às histórias em quadrinhos com a presença de personagens negras no decorrer do século XIX e início do XX. Nos romances gráficos de Marcelo D’Salete, as mulheres negras ocupam lugares de importante protagonismo e representação. Há personagens guerreiras, na frente das batalhas, cuidadoras que administram a vida cotidiana dos Quilombos, as anciãs, sempre consultadas pelos chefes das comunidades, além de engajadas nos acontecimentos da trama, as meninas curiosas com sede de conhecimento e as mulheres que resistem de diversas formas ao sistema opressor nas grandes fazendas. Indépende da narrativa que circundam estas personagens, elas ocupam um espaço significativo e respeitável dentro das tramas. Por serem mulheres e crianças fortes, presentes e agentes, elas oferecem aos leitores a possibilidade de outra perspectiva sobre a vida das mulheres negras escravizadas no período colonial do Brasil.

A agência das personagens femininas seja em momentos cotidianos dos quilombos, como em situações decisivas para as lutas de resistência, configura mulheres com papéis que beiram a ideia de heroísmo. Como o protagonismo que o autor oferece a essas personagens propicia a exteriorização de seus pensamentos, subjetividades, vontades e desejos, elas conseguem ser parte fundamental na construção de uma coletividade entre os ex-escravizados, e a preocupação com uma coletividade efetiva e relações afetivas dentro dos quilombos e senzalas é o que as aproxima da concepção de heroínas. Abandonando a imagem criada do herói nas histórias em quadrinhos, já que esse é geralmente descrito como um homem dotado de virtudes e que se descobre como herói a partir do que Joseph Campbell denomina como a Jornada do herói, nas novelas gráficas de Marcelo D’Salete o heroísmo é construído a partir da premissa de personagens reais e concretas que buscam a liberdade e autonomia em comum.

O objetivo moral do herói, de acordo com Joseph Campbell é “o de salvar um povo, uma pessoa, ou defender uma ideia”. Campbell acredita que o herói moderno “se sacrifica por algo”. (CAMPBELL, 1989, p. 194). Contudo, esse sacrifício não necessariamente é uma perda do herói para possibilitar que a outra parte seja beneficiada, ele pode se manifestar como a tentativa de ganho mútuo, em que essa figura terá atitudes que facilitarão o alcance de objetivos de determinada comunidade. Portanto, as figuras femininas presentes em Angola Janga e Cumbe, são, dentro da diegese, heroínas por buscarem e lutarem (independe da maneira que a luta se estende, seja ela com nuances do cotidiano, ou de momentos mais sérios como batalhas) para a conquista de emancipação e sobrevivência das personagens negras dentro dos quilombos e senzalas. Ainda citando Campbell, “A moderna tarefa do herói deve configurar-se como uma busca destinada a trazer outra vez à luz a Atlântida perdida da alma coordenada.” (CAMPBELL, 1989, p.195). Dessa forma, é possível compreender que a tarefa das heroínas negras em ambas as histórias, se consolida como uma forma de possibilitar a essas “almas” que foram condenadas através da escravização do sistema uma vida digna de independência e subsistência.

Considerações finais

O grupo feminino negro encontra-se na base mais frágil e suscetível à dupla opressão, a de cor e gênero. Por serem o maior alvo de discursos de ódios, as mulheres negras passaram por um processo violento de apagamento de subjetividades, questionamentos de suas posições e capacidades, e sexualização exacerbada de seus corpos. A partir dessas compreensões, a Literatura pode, através de seus mecanismos literários, contribuir com tais interpretações, ou apresentar outras perspectivas sobre essas personas. Nas duas histórias em quadrinhos analisadas, a figura de mulheres negras se mantém presente e faz parte, não somente da criação da narrativa, como da exploração da ideia de que as mulheres negras foram componentes essenciais na luta de resistência e sobrevivência dos povos negros. A nova ótica que configura essas personagens como protagonistas e agentes de suas vontades e destinos, critica a antiga visão que as histórias em quadrinhos abordaram sobre essas mulheres, e insere na literatura contemporânea uma outra história das heroínas reais do período escravista brasileiro.

A proposta de análise crítica a respeito das formas como novas obras de literatura brasileira vem abordando grupos marginalizados e oprimidos socialmente, é fundamental para que essas obras específicas, que propõem visões não- estereotipadas ou imagens equivocadas sobre esses grupos, circulem com mais facilidade no mercado e em espaços acadêmicos e escolares. *Cumbe* e *Angola Janga* são, antes de narrativas gráficas, ferramentas políticas que conseguem atingir uma mudança na perspectiva acerca dos escravizados e sistema escravista no Brasil. Ao construir personagens femininas fortes, presentes, agentes e não sexualizadas, o autor promove uma quebra do imaginário racista e opressor. Uma literatura escrita por um autor negro com personagens protagonistas negras, por ser exceção nas narrativas brasileiras contemporânea, é extremamente necessária para que a história da escravidão no Brasil seja mais real e verossímil.

Referências bibliográficas

CANDIDO, Antonio. **A personagem de ficção**. São Paulo: Perspectiva, 2000.

CAMPBELL, Joseph. **O poder do mito – Joseph Campbell, com Bill Moyers**; org. por Betty Sue Flowers. São Paulo: Palas Athena, 1990.

CAMPBELL, Joseph. **O herói de mil faces**. São Paulo: Pensamento, 1989.

CHINEN, Nobuyoshi. **O papel do negro e o negro no papel: Representação e representatividade dos afrodescendentes nos quadrinhos brasileiros**. Escola de Comunicações e Artes- Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.

DUARTE, Eduardo. **Por um conceito de literatura afro-brasileira**. Disponível em: <http://www.letras.ufmg.br/literafro/> Acesso em: 15 de Junho de 2020.

D' SALETE, Marcelo. **Angola janga: uma história de palmares**. São Paulo: Veneta, 2017.

D' SALETE, Marcelo. **Cumbe**. São Paulo: Veneta, 2014.

D' SALETE, Marcelo. **Não precisamos de heróis, precisamos de boas histórias**. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2019/04/02/cultura/1554208356_198750.html Acesso em: 22 de Julho de 2020.

FOSTER, Edward. **Aspectos do romance**. São Paulo: Biblioteca azul, 2005.

NASCIMENTO, Abdias. **O genocídio do negro brasileiro**. Rio de Janeiro: Paz e Terra S/A, 1978.

NETO, Marcolino Gomes de Oliveira. **Entre o grotesco e o risível: o lugar da mulher negra na história em quadrinhos no Brasil**. Rev. Bras. Ciênc. Polít. [online]. 2015.

PEDROSA, A. et al. **Histórias afro- atlânticas: volume 1**. São Paulo: MASP, 2018.

SCHWARCZ, L; GOMES, F. **Dicionário da escravidão e liberdade**. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

TUCHMAN, Barbaba. **Why Modern Politicians Should Be More Like George Washington**. Disponível em: <http://www.pbs.org/moyers/journal/archives/tuchman.html>
Acesso em: 22 de Julho de 2020.